



JANDIRA: DOS CAPOEIRAIS PARA MUNDO

JANDIRA: DE LOS CAPOEIRAIS AL MUNDO

Francisca Vitória Vaz Almeida¹

Museu de Arte Contemporânea do Ceará (MAC.CE) e PPGARTES (IFCE)

Associado/a/e ANPAP: Não

Valéria Ramalho da Silva²

SME/Fortaleza e PPGARTES (IFCE)

Associado/a/e ANPAP: Não

Eduardo de Sousa Abreu³

PPGARTES (IFCE)

Associado/a/e ANPAP: Não

Resumo: No presente ensaio, é narrado a história de uma figura indígena sem rosto com o nome de Jandira que tem sua feminilidade representada por suas vestimentas e pela delicadeza de seus movimentos que exalam da batida dos tambores e pelo contato com a terra. Jandira é uma figura que surge neste processo como uma forma de fabulação da resistência ao apagamento da luta de mulheres negras e indígenas no decorrer da história.

Palavras-chave: Ancestralidade. Apagamento histórico. Representatividade feminina. Povos originários

Abstract: En el presente ensayo, se retrata una figura femenina sin rostro con el nombre de Jandira, cuya feminidad se representa a través de su vestimenta y la delicadeza de sus movimientos que emanan del ritmo de los tambores y del axé recibido por el contacto con la tierra. Jandira es una figura indígena que emerge en este proceso como una forma de resistencia al borrado de la lucha de mujeres negras e indígenas a lo largo de la historia

Keywords: Ancestralidad. Borrado histórico. Representatividad femenina. Pueblos originarios.



Quem é Jandira?

O presente ensaio visual é um desdobramento de uma videoperformance realizada em 2020 durante a pandemia do COVID-19, sendo revisitada na disciplina de Matrizes Estéticas da Tradição em Processos Criativos no Mestrado Profissional em Artes do IFCE, que na busca pela ancestralidade relacionada ao local de origem, pensamos em uma videoperformance que envolvessem o movimento e o som das corporeidades dos terreiros de candomblé, que nos foram apresentadas no decorrer da disciplina.

Entretanto, esse ensaio se utilizará de uma poética apoiada na palavra e nas imagens que se desenham no decorrer do processo, para narrar a fabulação de Jandira. Quem é Jandira? Natural de Itapajé, interior do estado do Ceará, um dos primeiros berços indígenas do estado, que na língua tupi significa “Feiticeiro de pedra”; carrega em sua organização geográfica, Jandira Bastos Magalhães, nome de uma das principais ruas do município que fica às margens da BR-222.

Desta forma, essa investigação artística encarregou-se de fabular uma narrativa que pudesse contar a história dessa mulher, como um artifício de lutar contra o apagamento das contribuições de mulheres negras e indígenas que tiveram sua devida importância no desenrolar da história de emancipação do município de Itapajé.

Parafraseando as curadoras, Ana Aline Furtado e Cícera Barbosa, em seu texto curatorial da exposição “Anas, Simões e Dragões: Lutas Negras pela liberdade”, atualmente exposta no MAC.CE, quando dizem “Não queremos falar mais de ausência, de invisibilidade, queremos falar de presença, de ancestralidade, de resistência. Somos a prova que nossos antepassados tinham estratégias de resistência e sabiam.” É urgente criar novos papéis fora dessa ordem colonial, e aprender a pensar e ver tudo com “novos olhos”, a fim de entrar na luta como sujeitos e não como objetos (KILOMBA, 2019, p.69 apud HOOKS, 2013, p.7).

Jandira é a verdadeira princesa serrana, como popularmente Itapajé é conhecida no Norte do estado, é a criança indígena que representa o futuro da ancestralidade onde “o fim do mundo talvez seja uma breve interrupção de um estado de prazer extasiante que a gente não quer perder. Parece que todos os artifícios que foram buscados pelos nossos ancestrais e por nós têm a ver com essa sensação” (KRENAK, 2019, p. 30).

Seja no meio da noite ou do amanhecer, essa figura feminina sem rosto transforma-se em um espírito, vestindo sua saia e carregando sua parafernália. Isso lhe dá autoridade e poder, pois os espíritos se encantam; eles nunca mudam ou morrem, desafiando a passagem do tempo. Desta forma, quando a performer empresta seu corpo para Jandira é como se ouvisse um sopro que diz:

“ - Ouvi isso. Uma voz suave e altiva - como um sopro de ancestralidade. Abri os olhos e percebi: tudo isso aqui é ritual para avivar as memórias de quem não pôde por si narrar-se! É um ritual para curar arrancamentos. O quê? - ao menor gesto de desvelar em si uma camada apagada da história já é capaz de incomodar? E se, sem saber um grupo de pessoas no futuro-do-agora, em vigília, constrói uma ponte entre tempos? (FURTADO; BARBOSA, 2024)

Foi justamente nessa intenção que nós, um grupo de pessoas do futuro-do-agora, construímos essa ponte entre tempos distintos, fazendo ecoar a presença desse ser encantado que se materializa através do trabalho artístico que estamos tratando aqui.



Imagem 1 - Vitória Vaz, **Dos Capoeirais para o mundo**, foto performance, dimensões 10x20, Horizonte, data 03.11.2023. Foto: Terena Cartaxo, data 03.11.2023



Imagem 2 - Vitória Vaz, **Dos Capoeirais para o mundo**, foto performance, dimensões 10x20, Horizonte, data 03.11.2023. Foto: Terena Cartaxo, data 03.11.2023



Imagem 3 - Vitória Vaz, **Dos Capoeirais para o mundo**, foto performance, dimensões 10x20, Horizonte, data 03.11.2023. Foto: Terena Cartaxo, data 03.11.2023



Imagem 4 - Vitória Vaz, **Dos Capoeirais para o mundo**, foto performance, dimensões 10x20, Horizonte, data 03.11.2023. Foto: Terena Cartaxo, data 03.11.2023



Imagem 5 - Vitória Vaz, **Dos Capoeirais para o mundo**, foto performance, dimensões 10x20, Horizonte, data 03.11.2023. Foto: Terena Cartaxo, data 03.11.2023



Imagem 6 - Vitória Vaz, **Dos Capoeirais para o mundo**, foto performance, dimensões 10x20, Horizonte, data 03.11.2023. Foto: Terena Cartaxo, data 03.11.2023

Referências

FURTADO, Ana Aline; BARBOSA, Cicera. Texto curatorial da exposição "Anas, Simoas e Dragões: Lutas Negras pela liberdade" (2024), Fortaleza: Museu de Arte Contemporânea do Ceará, 2024.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, v. 2013, 2013.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. História & Fotos de Itapajé. Itapajé: IBGE, 2014. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/itapaje/historico> acesso em: abril de 2024

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Editora Cobogó, 2019

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Itapajé. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2024. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Itapaj%C3%A9> acesso em: 19 de abril de 2024.

Notas ¹

¹ Mestranda em Artes pelo Programa de Pós-graduação em Artes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) *Campus* Fortaleza, especialista em arte-educação (Faculdade Iguaçu) e graduada na lic. em Teatro (UFC). Atuou como professora substituta de Artes pela rede municipal de ensino de Fortaleza (SME) e atualmente é arte-educadora no Museu de Arte Contemporânea do Ceará (MAC.CE) E-mail: vitoria.vaz61@aluno.ifce.edu.br ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6737108462492193> Fortaleza, Ceará.

² Mestranda em Artes pelo Programa de Pós-graduação em Artes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) *Campus* Fortaleza, especialista em Psicopedagogia e graduada em Pedagogia pela UVA. É professora efetiva da rede municipal de ensino de Fortaleza (SME) onde atua com educação infantil. E-mail: valeria.ramalho64@aluno.ifce.edu.br ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0981236996597392> Fortaleza, Ceará.

³ Mestrando em Artes pelo Programa de Pós-graduação em Artes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) e graduado na licenciatura em Teatro também pelo IFCE. E-mail: eduardo.abreu04@aluno.ifce.edu.br ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5114510322144766> Fortaleza, Ceará.

Disponível em: <https://youtu.be/qCZJhu3QU5E> acesso em 19 de junho de 2024